

VI CONGRESSO INTERNO DO INSTITUTO PSICOLOGIA DA USP

POR QUE A GUERRA? A DIMENSÃO POLÍTICA E SUBJETIVA DO ENVOLVIMENTO DE JOVENS COM A CRIMINALIDADE

Aline Souza Martins

Contato com a autora: alinesouza.martins@gmail.com

Orientadora: Profra. Dra. Miriam Debieux Rosa

Programa de Pós Graduação: Psicologia Clínica

Nível do trabalho: Mestrado

Introdução: Este trabalho tem como tema a dimensão política do envolvimento de jovens com a criminalidade no tráfico de drogas, bem como o impacto dessa dimensão na subjetividade dos mesmos. **Objetivo:** O problema central é esclarecer o que os jovens envolvidos com a criminalidade buscam ao entrarem no que eles chamam de guerra, a disputa armada entre grupos de territórios rivais, que em grande parte dos casos resulta na morte dos envolvidos. **Método:** Trata-se de uma pesquisa teórico-prática que consiste na análise do discurso de conversações realizadas com jovens envolvidos com o tráfico de drogas na pesquisa “*A incidência do pai na subjetividade de jovens envolvidos com a criminalidade*”. **Resultado:** A partir da escuta já realizada de jovens envolvidos com a criminalidade no aglomerado Santa Lúcia da cidade de Belo Horizonte/MG, depreendeu-se uma dimensão política e subjetiva do posicionamento dos entrevistados ao entrarem no que eles denominam como guerra. Esta dimensão está relacionada simultaneamente ao desejo de cada um e a sua posição no laço social. Foi possível identificar uma aproximação entre o conceito de *Homo Sacer*, de Giorgio Agambem, e o lugar ocupado por essa população na sociedade. Esta posição social, de sujeito que pode ser morto, denuncia a relevância estrutural da morte na dinâmica desses meninos, funcionando como troca recíproca de assassinatos entre grupos de territórios rivais, a “guerra”. A partir destas observações depreendeu-se a existência de duas dinâmicas de funcionamento, que denominamos por *guerrinha*, por estar em um nível imaginário da relação com o outro, e a *Guerra* (com maiúscula) que representa um dispositivo social simbólico maior que consente com a morte desses excluídos. A hipótese central que pretende-se desenvolver é a existência de uma dimensão política no envolvimento dos jovens na “guerra”, a qual esta relacionada com o desejo e a busca pelo reconhecimento do Outro, representado pela entrada na pólis. **Conclusão:** Se o homem depende da política para garantir sua humanidade, o lugar oferecido ao *Homo Sacer*, de

excluído politicamente, seria não só de um não cidadão, mas questionaria o seu ser-no-mundo humano. A busca desses jovens, identificados ao lugar de *Homo Sacer*, seria a busca por sair desse lugar de exclusão política. Através da entrada (não necessariamente escolhida) na guerra, os jovens passam a participar, ou ter o ideal de participarem, da *pólis*, do domínio público da região em que vivem. Com o uso da arma e da violência, eles ganham o status de pequenos líderes locais, ordenando a convivência na região, mesmo que sob o domínio de uma lei tirânica regida pelo gozo do poder. Assim, podemos pensar que a política estaria relacionada à assunção de uma posição subjetiva perante essa exclusão. Essa posição pode fixar-se na aderência aos semblantes oferecidos pelo tráfico e à dialética de agressividade e idealização que resulta nas disputas e trocas mortíferas entre os próprios jovens. Nossa questão permanece, saber se algum ultrapassamento é possível nesse percurso que transforme a atuação por essa política da vontade de poder em desfechos menos destrutivos, que não os três destinos previstos e relatados pelos próprios jovens como os três Cs, caixão, cadeia ou cadeira de rodas.

Jovem. Crime. Subjetividade.

Centro nacional de desenvolvimento científico e tecnológico (CNPQ)